

QUESTÃO INDÍGENA

# Crítico do PT assume presidência da Funai

Dida Sampaio/AE

*Apesar dos duros ataques que já fez, na posse Márcio Pereira Gomes só se queixou de falta de verba*

EDSON LUIZ

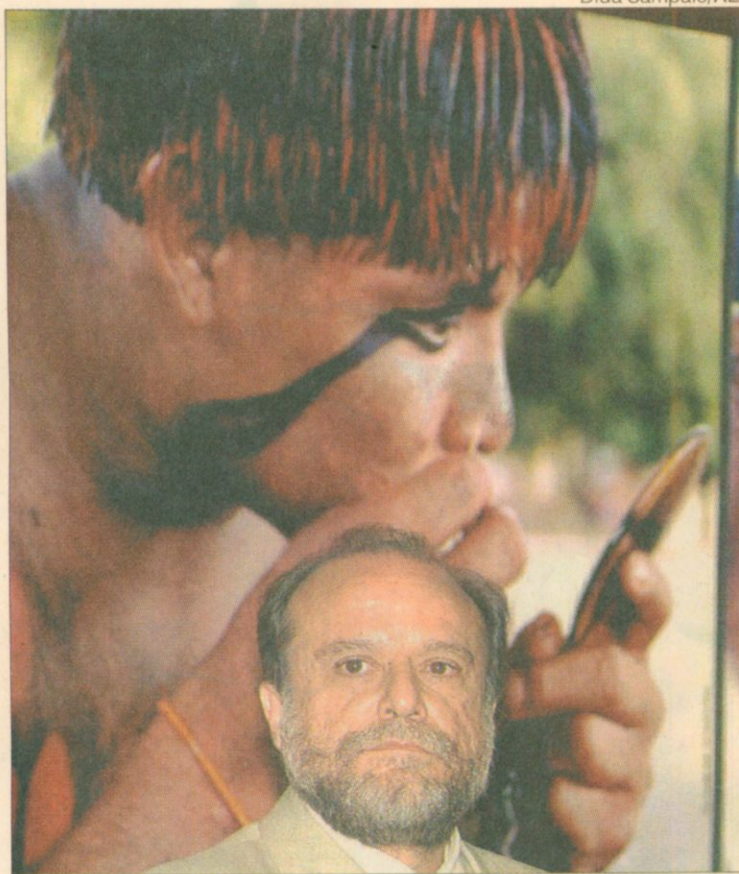
**B**RASÍLIA – O antropólogo Márcio Pereira Gomes assumiu ontem um dos mais complicados cargos do governo federal, a presidência da Fundação Nacional do Índio (Funai), já em meio a uma saia-justa. Logo após a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, quando ainda nem sonhava com o novo cargo, Gomes divulgou um texto na internet com duras críticas à estrutura do PT, às gestões do partido em todo o País e até à bandeira do Orçamento participativo. Ontem, ao tomar posse, o antropólogo fez novas críticas, mas não ao governo.

Logo no primeiro dia de trabalho, Gomes tomou conhecimento do que alguns ex-dirigentes da instituição já classificaram de pesadelo. “O orçamento aqui está zerado”, queixou-se, depois de se reunir com o pessoal da área administrativa. “Não temos recursos para assistência indígena nem para demarcação.”

Gomes também terá de enfrentar forte oposição dentro da própria fundação, principalmente dos índios que trabalham no organismo. A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia (Coiab) chegou a anunciar que faria ontem

uma manifestação na porta do Ministério da Justiça contra a nomeação de Gomes, mas acabou desistindo do protesto, optando por divulgar uma nota de repúdio.

A coordenação defendia a nomeação do índio Antônio



Gomes: “Não temos recursos para assistência nem demarcação”

Apurinã, atual diretor de Assistência da Funai e suplente da senadora Marina Silva (PT-AC), ministra do Meio Ambiente. “Os líderes indígenas não aceitam a indicação porque Gomes não tem a vivência com o movimento e não está comprometido com a causa”, diz a nota.

## POR NOTA, ÍNDIOS REPUDIAM A INDICAÇÃO

**Carta branca** – O ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, declarou que Gomes conta com todo seu apoio: “Ele tem

carta branca do ministério.” O escolhido, por sua vez, não quis entrar em conflito com seus críticos e disse que vai trabalhar em conjunto com os líderes indígenas.

Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) e

com um currículo que inclui trabalhos ao lado do antropólogo Darcy Ribeiro, Gomes precisou de apenas meia hora de conversa com Thomaz Bastos para aceitar o cargo.

Na semana passada, quando soube que os índios ameaçavam atrapalhar sua posse com uma manifestação, Gomes disse que não se intimidaria. “Vou entrar pela porta da frente”, reagiu. “Ninguém vai pisar nos meus calos.”

Gomes será o 33.º presidente da Funai em 35 anos da instituição e o segundo dirigente nos oito primeiros meses do governo Lula. Durante a solenidade de posse, o novo chefe teve de ouvir vários discursos com críticas feitos por índios que cobravam a promessa de Lula de que a direção da fundação seria entregue a um deles. Ao discursar, Gomes também mandou seu recado: “Não faço farofa, não fujo da raia.”

## ‘Partido autocentrado, manipulador de eventos’

**BRASÍLIA** – Um partido que julga estar acima dos outros e ter o monopólio da virtude e não faz alianças que signifiquem repartir efetivamente o poder. Assim é o PT, na visão do antropólogo Márcio Gomes, que assumiu ontem a presidência da Funai. Em longo artigo escrito entre a eleição e a posse de Lula, Gomes, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), classifica o PT como um “partido autocentrado, totalizante, manipulador de eventos políticos e crítico de oportunidade”, entre outros adjetivos.

No artigo, intitulado *Encanto e cautela com o PT*, Gomes aponta o caráter paulista da sigla, sublinhando que, como o rival PSDB, tem na origem intelectuais da USP. Isso privaria o PT de uma visão abran-

gente do País. O que ele mais critica, porém, é o radicalismo petista e seu “autocentramento”. “O PT considera que a política no Brasil é uma farsa para enganar o povo. Assim todo evento político não passaria de encenação, uma ilusão enganadora que deve ser ultrapassada à luz do interesse estratégico maior do partido, qual seja, o poder total.”

Para ele, essa atitude não vem da base trabalhadora, que mantém posição de negociação com o capital, mas de um segmento radical da classe média e da facção religiosa.

Gomes ataca o “monopólio da honestidade” do discurso petista: “Não existe monopólio de honestidade em partido.” Afirmou, depois, que o artigo “foi resultado de reflexões durante a campanha”.